

## A CONVERSA COMO TECNOLOGIA DO ENCONTRO NA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES RACIAIS

Leidiane dos Santos Aguiar Macambira<sup>1</sup>

Maria José da Silva<sup>2</sup>

Shirley Martins da Silva Camillo<sup>3</sup>

### RESUMO

Como temos forjado os modos de fazer, em nossas pesquisas, para encontrarmos com as pessoas que se dispõem a estar conosco? A nossa intenção com esta escrita é pensar a conversa como uma possibilidade de encontro nas pesquisas no campo da educação das relações raciais. Somos mulheres negras educadoras envolvidas com os estudos nos cotidianos e que vem aprendendo a fazer pesquisa partindo de experiências encarnadas e com pessoas que estão em diversas áreas inventando táticas de sobrevivência em uma sociedade estruturada pelo racismo e pelo patriarcado. Nas movimentações que fazemos, lidamos com histórias, com experiências de outras e outros, e essas narrativas têm sido fundamentais para mediar e orientar o modo como produzimos as nossas pesquisas. Entendemos a conversa como um lugar comum onde as histórias nos são contadas e, sobretudo, como uma atitude ético-estético-política de pesquisa que busca romper com os modelos engessados da ciência moderna e eurocêntrica que destituiu a humanidade de povos e culturas não-brancos. Uma aposta sintonizada com o fazer pesquisa com os cotidianos. E trazê-la como uma disposição teórico-metodológica para o encontro com o outro diz de uma escolha cuja intenção está em não aniquilar aquilo que nos é oferecido. Somos seres compostos por palavras faladas, ouvidas, sentidas... E a conversa faz parte de nossas práticas culturais e sociais. Esta arte de fazer nos oferece pistas para refletir e questionar alguns modos consagrados como hegemônicos em metodologias científicas no campo educativo. Neste sentido, temos nos disposto a conversar por meio de aplicativos digitais (videoconferência e Whatsapp) em torno de algumas questões surgidas de fazeres e estudos, dentre elas: como as conversas nos ajudam a pensar as pesquisas nos cotidianos? Será que é importante o preparo para uma conversa? Que elementos, então, estão em jogo para nos prepararmos para uma conversa? Como lidamos com os nossos desejos de pesquisa diante do outro que também traz consigo os seus desejos? É possível produzir um encontro que não aniquile a presença daquelas e daqueles que se dispõem a conversar conosco? Esta trama, portanto, vem sendo tecida a partir de alguns fios: os modos como o documentarista Eduardo Coutinho conduzia suas filmagens, as inquietações provocadas por alguns escritos de Carlos Skliar (2014), de Jorge Larrosa (2003) e de Patrícia Hill Collins (2019), naquilo que oferecem para nos ajudar a forçar o nosso pensamento a pensar a capacidade de escuta de que nos dispomos em nossas práticas, e pensarmos nas negociações dos desejos que estão em jogo quando se entra em uma conversa.

**Palavras-chave:** Metodologia. Conversa. Relações Raciais.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo PPGEDU-UFF, Professora, Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho-SEEDUC-RJ e Colégio Pedro II, leidianesamacambira@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pelo PROPED - UERJ, Professora dos anos iniciais do município do Rio de Janeiro, comunicacao.maria@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UERJ, Gestora Cultural, Agência de Iniciativas Cidadãs - AIC, shirleymartins.sm1@gmail.com.

Eixo temático 03:

Corpos, poéticas e políticas com os cotidianos educativos